

AS HUMANIDADES DIGITAIS NA PERSPECTIVA DA EMANCIPAÇÃO

THE DIGITAL HUMANITIES IN THE PERSPECTIVE OF EMANCIPATION

Márcio da Silva Finamora^a

Davi José de Souza da Silva^b

RESUMO

Objetivo: O objetivo deste artigo é verificar, em conjunto com pesquisadores, as problemáticas e ações relacionadas às humanidades digitais, a saber: como o uso das humanidades digitais pode contribuir para a emancipação dos sujeitos? **Metodologia:** Para responder a essa questão, utilizamos a abordagem qualitativa por meio de entrevistas abertas. Utilizamos a amostragem por conveniência, em que o pesquisador selecionou especialistas e membros da população mais acessíveis no momento e que são convidados para a entrevista para discutir e responder o roteiro de pergunta. Foi utilizado o *software* qualitativo MAXQDA2020 para a codificação e análise das entrevistas. **Resultados:** Com base nos diálogos com os especialistas, foi considerado que as humanidades digitais, vistas a partir da emancipação, possuem perspectivas promissoras para os indivíduos e efetivas contribuições para a sociedade. De acordo com as análises qualitativas, as humanidades digitais, em conjunto com as competências adquiridas, podem ajudar a identificar as *fakes news*, o que possibilita dar subsídios aos indivíduos para fazerem bom uso das tecnologias e do ciberespaço de uma forma empoderada. **Conclusões:** No entanto, para realizar esses desafios, faz-se necessária a criação de políticas que englobem todo o projeto de humanidades digitais, investimento em tecnologias e, principalmente, na formação de indivíduos com competências necessárias para usar as redes e tecnologias numa perspectiva crítica, integradora e humanística.

Descritores: Humanidades Digitais. Competências e formação. Emancipação.

^a Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), Duque de Caxias, Brasil. E-mail: marciofinamor@gmail.com

^b Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente no Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), Duque de Caxias, Brasil. E-mail: davi.silva@unigranrio.com.br

1 INTRODUÇÃO

Ao observarmos as mudanças na contemporaneidade, quanto às tecnologias, ao acesso às informações¹, a conhecimentos em sua magnitude e às conjecturas das relações interpessoais – no digital ou virtual –, a globalização e as relações modificaram as redes de relacionamentos e o seu desenvolvimento entre os indivíduos e as nuances das novas tecnologias. Assim, provocaram mudanças no que configura uma sociedade que vive uma reinvenção de valores e busca pela liberdade de interação e discussão a respeito de fins éticos e morais na convivência social e no fazer do labor humano: como potência para cooperar e criar nas interfaces das relações sociais, e, sucessivamente, com a capacidade de estabelecer meios de sociabilidade e interlocuções para emancipação.

Deste modo, este artigo procura trazer reflexões críticas sobre o uso intensivo das tecnologias digitais e suas ramificações, a chamada “Humanidades Digitais” (HD) ou “*Digital Humanities*”. Compartilhamos com o pensamento de Fiona Barnett em seu artigo “*The Brave Side of Digital Humanities*”, sobre “o lado valente das humanidades digitais”, em que constituem “*uma luta para apresentar uma prática, não apenas um projeto*”. Assim, procuramos reflexionar sobre a dinâmica do comportamento humano e dos métodos computacionais em sua utilização para uma melhor compreensão da interação humana. Bem como a reflexão sobre o profundo impacto dessas mesmas tecnologias no convívio das relações e desafios potenciais

¹ Informação aqui é considerada como um vínculo aos conceitos de dado, conhecimento, processamento, indivíduo, pessoa, lacuna, preenchimento, modificação, alteração, significado, uso, acesso, compartilhamento e outros. Faz parte das dimensões pragmáticas, intersubjetivas e socioculturais, que não é apenas do objetivo ou do subjetivo, mas também do coletivo, de uma construção social. Pode aparecer ligada a termos como documento, saberes, ação, contexto, cultura, memória, coletivo, sociedade, histórico, virtual, digital, redes sociais, mensagens instantâneas e outros. O uso da informação, e o que fazemos dela, é considerado atualmente como um período de uma infodemia: uma doença causada pela informação, pela circulação de informação falsa (*fake news*). Por isso, é necessário e urgente pensar em práticas, modelos, competências específicas e ferramentas adequadas para compreender tal fenômeno, para, então, poder propor as intervenções adequadas para o combate de seus efeitos nocivos à população em um mundo altamente informativo e desimpedido de acessar as informações, no entanto, que ainda padece desta doença de acreditar em tudo que se lê sem verificar a procedência e veracidade (ARAÚJO, 2021 p. 13).

decorrentes da crescente popularidade da tecnologia digital e móvel em todos os aspectos da vida humana (BARNETT, 2021).

O presente artigo objetiva dar início à busca de perguntas e respostas complexas, em que imaginamos que as respostas não são apenas tecnológicas, mas sociais, culturais e de competências. Uma vez que não é possível separar a tecnologia de seu uso em contextos de opressão e investigação. Dito isso, o presente artigo visa discutir com pesquisadores sobre humanidades digitais no Brasil, a saber: como o uso das humanidades digitais pode contribuir para a emancipação dos sujeitos?

É a partir de tal olhar que pretendemos guiar a discussão ao longo deste artigo. Partindo de tais preceitos, o conceito de humanidades digitais (ainda em formação) que mais se adequa à proposta deste material apresenta-se como um conjunto de campos de estudos humanos-sociais, que, quando inseridos em um contexto digital/tecnológico, sofrem modificações metodológicas e estruturais, de modo que seu objetivo principal é identificar como as pessoas em sociedade se comportam inseridas neste contexto quanto a apropriação e construção de um mundo para si mesmas, fazendo deste aparato tecnológico e do uso das redes o melhor uso possível (OLIVEIRA; MARTINS, 2017).

Para essas reflexões, utilizamos a abordagem qualitativa por meio de entrevistas com pesquisadores que desenvolveram artigos e teses sobre o tema. Utilizamos a amostragem por conveniência, em que o pesquisador seleciona especialista e membros da população mais acessíveis no momento que são convidados para a entrevista, para discutir e responder o roteiro de pergunta. Por se tratar de um tema novo no Brasil, procuramos selecionar pesquisadores de diversas áreas que estão investigando sobre humanidades digitais para verificar diferentes olhares sobre o tema, como pesquisadores da área da Ciência da Informação, História, Ciências Sociais e Ciência da Computação, para dialogar sobre as perspectivas e dificuldades relacionadas à prática das humanidades digitais numa perspectiva emancipatória.

2 BREVE PANORAMA DAS HUMANIDADES DIGITAIS

A questão do acesso futuro à produção de conhecimento foi

estabelecida muito antes da era digital e virtual. Por um lado, o risco de perder dados (analógicos) remonta a antes da digitalização, e tal cuidado foi reforçado por meio da transferência de dados para fitas magnéticas antes do armazenamento na memória do computador. No entanto, a preservação de dados recentemente atraiu nova atenção dentro da sociedade e das pesquisas, assim como as questões de compartilhamento de dados e reprodutibilidade da ciência, digitalização, acesso aberto e manutenção tornaram-se cada vez mais pertinentes à medida que os sites e produções digitais amadurecem com o constante uso. Nesse ínterim, as humanidades digitais associadas às ferramentas metodológicas de alta performance de apoio às pesquisas científicas e de colaboração em rede: para sofisticar a tendência digital na sociedade informatizada, ergue-se como um projeto que constrói uma prática sustentável no uso digital de uma forma crítica (BARATS; SCHAFFER; FICKERS, 2020).

O manifesto das humanidades digitais fez um apelo ao mundo “pelo acesso aberto aos dados e metadados, que devem ser documentados e interoperáveis, tanto técnica quanto conceitualmente”. As humanidades digitais referem-se ao conjunto das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas às Artes, Letras, Linguísticas e outros. Suas práticas não negam o passado; pelo contrário, apoiam-se no conjunto dos paradigmas do saber fazer e dos conhecimentos próprios das disciplinas, mobilizando simultaneamente os instrumentos e as perspectivas singulares do mundo digital. As humanidades digitais designam uma transdisciplina, portadora dos métodos, dos dispositivos e das perspectivas heurísticas ligadas ao digital no domínio das Ciências Humanas e Sociais (DACOS, 2011).

Existem múltiplas comunidades específicas das humanidades digitais, oriundas de interesses por diversas práticas, instrumentos ou objetos transversais (codificação de fontes textuais; sistemas de informação geográfica; lexicometria; digitalização do patrimônio cultural, científico e técnico; cartografia da web; mineração de dados; 3D; arquivos digitais, orais; digitalização, artes e literaturas digitais e hipermediáticas; dentre outros) que estão convergindo atualmente para formar o campo das humanidades digitais

(DACOS, 2011). No entanto, todos esses casos envolvem uma série de temporalidades diferentes (de dados, infraestrutura, ferramentas, dispositivos, *hardware* e *software*, mídia, pesquisa, instituições e financiamento) e questões de múltiplas partes interessadas que necessitam de reflexão coletiva para identificar claramente os atores e locais que são melhor adaptados para implementar e apoiar os desafios da sustentabilidade dos dados, da informação e do conhecimento. Esses desafios são profundamente transdisciplinares e envolvem equipes de multiprofissionais – habilitados com habilidades e competências apropriadas –, políticas adequadas e projetos que contornam toda uma estrutura conveniente para o desenvolvimento tecnológico, informacional e comunicacional de acesso e uso. É necessário ter esses ambientes em conformidade e favoráveis para realizar as ações iniciais propostas em seu manifesto (BARATS; SCHAFER; FICKERS, 2020).

Em outras palavras, todos esses processos envolvem também perspectivas interdisciplinares. Que exigem uma resposta dos multiprofissionais, como os arquivistas, bibliotecários, cientistas da informação da computação e outros, alinhados com as abordagens éticas e jurídicas no envolvimento de especialistas disciplinares. É necessária a conscientização e a formação de pesquisadores, que descrevem a tensão constante em lidar com os desafios atuais e antecipar questões futuras em pesquisa, infraestrutura, termos éticos, jurídicos e políticos no que tange as humanidades digitais e o seu uso tanto para o lado social, profissional, como de pesquisas, educação e emancipação. Porém, essa interdisciplinaridade – necessária e urgente – apresenta muitas dificuldades, como o desenvolvimento de uma linguagem comum que vá além do jargão técnico, como as dificuldades de um pensamento comum para o desenvolvimento do projeto e a prática (BARATS; SCHAFER; FICKERS, 2020).

Além do mais, é também um desafio social e político que traz à tona não só financiamento, mas também capitalização de estruturas existentes e legado científico para evitar a duplicação de meios, suportes e ferramentas. Assim, é necessário levantar uma crítica contundente contra o fascínio em priorizar a inovação em relação à manutenção; em vez de promover a retórica da

novidade e da revolução digital, deve-se prestar mais atenção ao perigo da obsolescência digital e ao desaparecimento maciço dos dados, problemas de armazenamento, de acesso e o compartilhamento do conhecimento digital (BARATS; SCHAFER; FICKERS, 2020).

As humanidades digitais, mais do que a maioria dos campos, parecem posicionadas para lidar com muitas dessas mudanças. As humanidades digitais têm um “potencial especial e responsabilidade de auxiliar a defesa das humanidades” devido a sua experiência em “fazer uso criativo da tecnologia digital para o avanço da pesquisa e ensino de humanidades”. As humanidades digitais percorreram um longo caminho desde as concordâncias digitais da obra de Tomás de Aquino (primeiro projeto das humanidades digitais). A rápida ascensão do digital na imaginação pública e a expansão concomitante de seu campo de ação mascararam, e em tempos ameaçaram, ofuscar décadas de trabalho fundamental por acadêmicos e tecnólogos que se engajaram em "Humanidades digitais" antes mesmo de serem conhecidas por esse nome (GOLD, 2012).

As humanidades digitais estão associadas como uma zona de comércio. Ressalta-se a importância do espaço, conectando-se às disciplinas e envolvendo vários modos de engajamento, tornando a tecnologia parte das humanidades digitais e o campo como uma arena para inovação e possibilidade de repensar o uso das tecnologias e redes. As humanidades digitais estão intimamente conectadas com diferentes tipos de discursos visionários e voltados para o presente e, principalmente, para o futuro. Esses discursos podem nos dizer muito sobre um campo em expansão e mutante, sua considerável variação internacional, bem como tensões devido a diferentes tradições epistêmicas e conjuntos de esperanças. As humanidades digitais podem ter uma função importante ao fornecer um meio de pensar sobre o estado e o futuro das humanidades, bem como das tecnologias digitais. Tal pensamento não precisa ser onipresente, excessivamente utópico ou infundado, mas deve ser voltado para o futuro e, possivelmente, “amplo” (SVENSSON, 2012).

As humanidades digitais podem ser consideradas um campo de estudo,

pesquisa, ensino e inovação preocupado com a interseção da computação com as disciplinas da área de humanas sociais aplicadas. É, por natureza, metodologicamente interdisciplinar em sua abrangência. Tratando de pesquisa, análise, síntese e disponibilização da informação em formato eletrônico. Estuda como esses elementos afetam grande parte das disciplinas em que se encontram presentes, e o que estas disciplinas têm a contribuir para o nosso conhecimento em formato computacional (KIRSCHENBAUM, 2010, p. 2).

As humanidades digitais abrangem uma gama de práticas e produtos acadêmicos, incluindo corpus linguísticos, arquivos digitais interativos e projetos de edição. Alguns desses corpus de dados digitais tornaram-se recursos essenciais de suas disciplinas. Em decorrência de esforços para construir coleções de materiais de fontes primárias, gerenciando e organizando projetos de edição acadêmica em grande escala, eles também forçaram especialistas das humanidades a se tornarem inovadores tecnológicos; além dos militantes da tecnologia, os chamados “humanistas digitais”. Também forneceram um foco para pensar possibilidades de texto eletrônico, já que as coleções emergentes foram consideradas criadores através das lentes da teoria da narrativa, da estética e da política das redes (DALBELLO, 2011, p. 3).

As humanidades digitais, também conhecidas como “computação das humanidades”, são um campo de estudo, pesquisa, ensino e invenção que se preocupa com a interseção da computação e das disciplinas das humanidades. É metodológico por natureza e de alcance interdisciplinar. Envolve investigação, análise, síntese e apresentação de informações em formato eletrônico. Estuda como essas mídias afetam as disciplinas em que são usadas, e o que essas disciplinas têm a contribuir para o nosso conhecimento da computação, da sociedade e da humanidade (KIRSCHENBAUM, 2010, p. 56).

Este mesmo autor relata que as humanidades digitais também são um empreendimento social. Abrigam redes de pessoas que trabalharam juntas, compartilhando pesquisas, discutindo, competindo e colaborando por muitos anos. As principais conquistas dessa comunidade foram concluídas em sua maioria antes do início da atual onda de interesse em humanidades digitais. No

entanto, a rápida e notável ascensão das humanidades digitais como um termo pode ser atribuída a um conjunto de circunstâncias surpreendentemente específicas, conforme o relato:

A verdadeira origem desse termo [humanidades digitais] foi em uma conversa com Andrew McNeillie, o editor adquirente original do Blackwell Companion to Digital Humanities. Começamos a conversar com ele sobre o projeto do livro em 2001, em abril, e no final de novembro, havíamos alistado colaboradores e estávamos discutindo o título, para o contrato. Ray [Siemens] queria 'A Companion to Humanities Computing', pois era o termo comumente usado naquele ponto; o pessoal editorial e de marketing da Blackwell queria 'Companion to Digitized Humanities'. Eu sugeri 'Companion to Digital Humanities' para mudar a ênfase da digitalização simples (KIRSCHENBAUM, 2010).

Por fim, é possível afirmar-se que a área das Humanidades Digitais deve ser pensada como uma nova forma de solucionar os problemas da investigação em humanidades, mas preservando a tradição, dando atenção à complexidade e mantendo as modalidades de análise em profundidade, crítica e interpretação no que envolve informação, seu uso e o uso da tecnologia. A área de Humanidades Digitais é, no entanto, ainda encarada como uma “caixa-preta”, da qual tudo pode sair, sem que se perceba exatamente como foi produzido. Há, por isso, que criar conteúdos apelativos para o ensino e para o grande público. Para os investigadores, tornar-se imperioso que, em simultâneo, sejam disponibilizadas as fontes utilizadas e se refiram às leituras e às metodologias efetuadas. A utilização e a reutilização da informação também levantam questões sobre o direito de autor e o *copyright* (quem é o autor?) não só para a comunidade dos humanistas digitais, mas para todos os utilizadores, o que implica prudência na implementação de novos modelos. No domínio específico das bibliotecas digitais, começa a ser óbvia a necessidade de ir além do fac-símile em PDF. As Humanidades Digitais afirmam-se como um campo fértil da investigação, mas o principal desafio é ainda a definição de modelos genéricos para a sistematização e partilha (reuso) da informação reunida (GUERREIRO; BORBINHA, 2014, p. 73).

Nesse ínterim, os desafios relacionados ao acesso futuro à produção de conhecimento não são novos e remontam à era pré-digital. As humanidades digitais surgiram como resposta a essas demandas, abordando questões como

acesso aberto, interoperabilidade e uso de informação. No entanto, a interdisciplinaridade enfrenta obstáculos, como a necessidade de desenvolver uma linguagem comum e superar as dificuldades de pensamento coletivo. Além disso, há desafios sociais e políticos, como garantir financiamento adequado e capitalizar estruturas existentes, tecnologias e especialistas.

As humanidades digitais desempenham um papel crucial na defesa das humanidades, utilizando a tecnologia digital para avançar na pesquisa e no ensino. Apesar dos avanços, questões como direitos autorais e o uso ético da informação continuam sendo preocupações importantes, assim como o acesso, inclusão e desenvolvimento de abordagens mais humanísticas e sociais das relações digitais. Promovendo melhores configurações de uso, empoderamento e inclusão.

3 INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E O USO DAS TECNOLOGIAS COMO SUBSÍDIOS PARA A EMANCIPAÇÃO

À medida que a sociedade avança em suas tecnologias e nos processos que visam facilitar o acesso e a utilização da informação e do conhecimento através de diferentes meios nos chamados "regimes de informação", é crucial considerar o alerta feito por Adorno (1995). Ele destacou que a experiência do século XX evidenciou que uma sociedade que se considerava mais emancipada e livre dos obscurantismos também foi capaz de gerar as piores barbáries civilizacionais e os processos de degeneração do intelecto mais corrosivos que já testemunhamos. Paradoxalmente, tudo isso ocorreu em meio a um considerável avanço da ciência e da tecnologia.

De forma similar, Paulo Freire (2002) aborda o tema conectando-o a outras questões, como o acesso rápido à informação e as novas tecnologias. Ele destaca a importância de lidar reflexivamente com esses aspectos, o que requer orientação (competência) também por parte da Escola, Organizações e Universidades. Freire (2002, p. 18) salienta que a criticidade não surge automaticamente. Uma das principais tarefas da prática educativa progressista é desenvolver uma curiosidade crítica, insatisfeita e indócil. Essa curiosidade permite nos proteger dos "irracionalismos" resultantes ou provocados por certo

excesso de "racionalidade" em nossa era altamente tecnológica. Não há aqui uma rejeição falsamente humanista da tecnologia e da ciência. Pelo contrário, é uma consideração que não idolatra a tecnologia, mas também não a demoniza. É uma perspectiva que a examina criticamente, com curiosidade e com o bom uso.

Neste sentido, utilizar adequadamente as ferramentas tecnológicas, a informação e o conhecimento requerem habilidades e competências para além do simples saber fazer. Concordamos com Adorno (2010, p. 141-142) quando ele expressa sua concepção de educação da seguinte forma: não se trata da chamada modelagem de pessoas, pois não temos o direito de modelar pessoas... mas sim da produção de uma consciência verdadeira... Isso seria de extrema importância política; sua ideia, se assim posso dizer, é uma exigência política. Ou seja, uma democracia que não apenas funcione, mas opere de acordo com seu conceito e que requer pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser concebida como uma sociedade na qual as pessoas são emancipadas.

Um dos processos para fomentar condições de uma sociedade emancipada e com viés humanístico requer caminhos em diferentes contextos. Aqui, defendemos que pode começar com o bom uso da informação e do conhecimento. Freire (1975, p. 66) aponta que a construção do conhecimento ocorre de forma coletiva e dinâmica, na interação entre sujeitos pensantes. Onde a comunicação e o diálogo são elementos catalisadores de saberes e da emancipação humana. Da mesma forma, Habermas (1984) defende que uma comunicação eficaz e a aprendizagem social são fundamentais para o propósito da emancipação Habermas (1990). Ausubel (1963) enfatiza que para atingir novas formas de aprendizagem, é crucial integrar práticas sociais e intelectuais. A aprendizagem significativa, referente à aquisição de informações e interações que resultam em modificações nos indivíduos (AUSUBEL, 2000, p. 3), que pode promover a emancipação (NOVAK, 1998).

A emancipação através das informações, conhecimentos e suas trocas podem ocorrer de diversas formas. Entre elas, Ilharco (2003, p. 103), aponta em uma de suas perspectivas sobre os conceitos inerentes à filosofia da

informação - o paradigma humanista – onde considera a informação como um meio de emancipação. Ela é vista como significado e reflete a posição e emancipação humana. Essa visão está relacionada à ação comunicativa e informativa, que denota mudanças no mundo e nos indivíduos. Isto é, a informação é social e dialogicamente constituída, baseada nas interações mediadas pela linguagem, tecnologia e nas necessidades dos indivíduos.

Floridi (2013) sobre a filosofia da informação considera a ética da informação como seu braço direito que investiga o impacto ético do uso das TIC's (Tecnologias da Informação e Comunicação) na vida humana, na sociedade e eventualmente nas organizações. Assim, os dados só se tornam informações significativas quando são subjetivados e intersubjetivados pelo criador, observador ou outra fonte. Assim, a “vida social da informação” reside na relevância do papel da sociabilidade humana com a informação e os indivíduos (BROWN; DUGUID, 2000). Aqui, a informação e as relações intersubjetivas emergem no âmbito da “ação comunicativa”. Segundo esse ponto de vista, o objetivo da informação não é apenas informar e comunicar, mas também capacitar, auxiliando na emancipação do indivíduo.

Rowlands (2000), então, sintetiza uma abordagem sobre a ética informacional ambiental em termos de naturalização da informação semântica, esclarecendo que a cognição em si não é um processo puramente interno, pois envolve essencialmente a ação sobre as estruturas ambientais. Segundo ele:

Há valor no ambiente. Este valor consiste em certos tipos de informação, que existem na relação entre as *affordances* do ambiente e seus índices. Esta informação existe no ambiente independentemente das crenças, atitudes, opiniões ou sentimentos de criaturas *sencientes*. Existe independentemente da avaliação dos atos de tais criaturas. Na verdade, ela existe independentemente de ser detectada ou apreendida por tais criaturas. Esta informação existe mesmo se não houver criaturas para detectá-la ou apropriar-se dela. A informação está lá. Está no mundo. O que torna essa informação valiosa, no entanto, é o fato de ser valorizada por meio da valorização de criaturas, ou de que seria valorizada por meio da valorização de criaturas se houvesse alguma por perto. E a razão pela qual as criaturas vêm a valorizar esta informação é porque ela é essencialmente composta de *affordances* do ambiente. A informação está essencialmente ligada ao que o ambiente oferece, fornece ou proporciona a criaturas capazes de valorar. A valorização do ambiente, então,

é um ato que transforma a informação em valor, ou, mais precisamente, nos permite ver a informação como valor. Valorizar o ambiente é ver a informação como valor. E nossa valorização do ambiente é algo que tem uma origem instrumental, mas esta se encontra tão envolta nas brumas de nossa história biológica que acabou sendo superada por aquela, a qual agora possui um conteúdo intrínseco (ROWLANDS, 2000, p. 153-154).

Com relação às questões éticas e filosóficas da informação, seja no mundo social ou no mundo virtual, Capurro (2017, p. 23) salienta que o ser-no-mundo cibernético não é menos frágil do que o ser-no-mundo que compartilha uma terra comum e é responsável pelos outros e vice-versa. Esse autor defende que a ética da informação pode e deve contribuir para o enfrentamento dos desafios da era digital e virtual (CAPURRO, 2009), pois, se a essência da liberdade consiste na confrontação do sujeito autônomo com a “realidade objetiva” de uma pluralidade de “sujeitos-parceiros”, autônomos, com seus desejos e interesses próprios, como ele disse: é imprescindível compreender claramente as assimetrias de poder decorrentes da negociação de significado e da fusão dos “horizontes ontológicos”, particularmente nos territórios de periferia no mundo globalizado (CAPURRO, 2011).

Capurro, em sua crítica, chama de soberano digital aquele que adquiriu o poder de negar o acesso à memória, de privar o indivíduo da conexão. É também um poder para fazer com que os outros inibam voluntariamente a própria capacidade de estabelecer conexões e fazer escolhas futuras autônomas, tornando-se, em vez disso, dependentes de “sugestões” alheias. A vida digital rouba o potencial da sociedade para exercer o papel de agência humana na criação de conexões que ligam a sociedade. A vida digital atingiu os limites da tolerância humana: o contato humano-humano era necessário para reafirmar a humanidade e o valor do ser humano e viver. Isso também é algo inerente aos ensinamentos de Mandela, cuja fala foi citada por Capurro: “fatores internos podem ser ainda mais cruciais na avaliação de um desenvolvimento como ser humano”. Honestidade, sinceridade, simplicidade, humildade, pura generosidade, ausência de vaidade, prontidão para servir as outras — qualidades que estão ao alcance de todas as almas — (CAPURRO, 2021).

Zuboff (1988) já havia esclarecido que a informação e o conhecimento associados com as tecnologias e as trocas face a face alteraram suposições básicas sobre a relação humanizada entre trabalho e aprendizado. Nesse sentido, em relação às humanidades digitais, tecnologias em geral e Inteligência Artificial, Lodge (2021) destaca que os algoritmos obscuros pré-selecionam os alvos vulneráveis à desinformação a fim de encorajá-los a usar suas vozes humanas para apoiar uma intenção sombria. Muitos consomem os conteúdos dos espaços digitais e acreditam no que veem/leem neles (por exemplo, o consumo de água sanitária para evitar a infecção por Covid-19, o que danifica a garganta), pois o pensamento de grupo os predispõe a não questionar, não pensar e manter suas convicções originais, independentemente de sua formação.

Portanto, a capacidade de emancipar a mente ou vontade de pensar tem sido suprimida de costume e sem o consentimento ou consciência por parte do alvo (geralmente um único indivíduo). Por isso, há a necessidade de esclarecer o público quanto às promessas e propósitos da Inteligência Artificial, e ao seu potencial para o bem — como a obtenção mais rápida de remédios para combater a Covid-19 e outras doenças —, e de lutar diariamente para impedir que indivíduos sejam vitimados pelo seu lado mais escuro (LODGE, 2021, p. 79). O uso das inteligências artificiais, alinhado ao projeto valente das humanidades digitais, que constituem uma luta para apresentar uma prática de letramento e emancipação, pode colaborar significativamente com os constantes desafios do mundo.

Por conseguinte, é necessário democratizar a palavra para democratizar o mundo, engajando-se na luta pelo bem comum, pela emancipação humana. O lado sombrio da sociedade da informação e da comunicação é a opressão e a exclusão sofridas pelas pessoas, o que é algo desumano, ou seja, moral e politicamente insustentável (LODGE, 2021, p. 83). Por um lado, o uso da informação na perspectiva social e humanística pode ser visto como o resultado de uma aplicação, por parte dos sujeitos e de significados atribuídos coletivamente. Por outro lado, um conjunto de referências sociais é construído justamente pelos sujeitos no decurso de suas ações e práticas dialógicas,

incorporando-se na dimensão social da informação, do conhecimento e da aprendizagem, com um enfoque especial sobre as relações informação-comunicação-conhecimento entre todos os indivíduos (TUOMINEN; TALJA; SAVOLAINEN, 2005; SAVOLAINEN, 2008; FROHMAN, 2012).

Por isso, é importante reforçar a questão da competência dos indivíduos, conforme proposto por Wright (2005) em uma estrutura para vincular as atividades na solução de problemas com habilidades cognitivas (processo de reflexão), informacionais (habilidades de questionamento que permitem saber quais recursos de informação buscar), sociais (colaboração e interação social) e competências de aprendizagem e desenvolvimento (contínuas, experimentação e inovação).

Através desse conhecimento adquirido, o debate social passa para um nível integrador no que tange à reconstrução racional das atividades em geral, bem como à criação do potencial para o uso das informações e conhecimentos — de fontes humanas *versus* fontes digitais — na perspectiva crítica, integradora e humanística. O que caracteriza a atual era da informação e do conhecimento, além da revolução tecnológica, não é a centralidade desse conhecimento e dessa informação, mas a adequação destes, o seu bom uso, o estímulo e promoção do debate sobre o conhecimento e a informação presentes nas pessoas e em dispositivos de geração e processamento de informação/comunicação, em um *feedback* cumulativo em *loop* que abranja o acesso, uso, compartilhamento, trocas simbólicas, aprendizagem e a inovação a partir desses dados (CASTELLS, 2010, p. 31).

Embora a tecnologia digital pareça oferecer possibilidades novas e animadoras para o futuro — possibilidades recheadas de promessas de acesso instantâneo e sem embaraço à informação e de recombinação ilimitada de componentes digitais —, o uso e fornecimento sem precedentes de Big Data, e sua plena difusão nos diversos ambientes sociais de um mundo digitalizado e permeado da tecnologia digital, também pode ser perigoso. Na mesma proporção em que os benefícios em potencial da tecnologia digital são reais, os riscos e a complexidade que os acompanham também o são. Doravante, empreendedores e tecnólogos continuarão a inventar ferramentas mais

potentes e a desenvolver melhores produtos usando tecnologias digitais mais poderosas, mais inteligentes e de tamanho cada vez mais reduzido. As sociedades terão que aprender a competir, prosperar e humanizar-se neste novo mundo, em que novos empregos estão sendo criados, métodos de coordenação estão evoluindo e novas formas de organização estão sendo inventadas e implementadas (YOO *et al.*, 2012).

Por fim, conforme aponta (GRIMSHAW, 2018) a humanidade digital crítica deve ser o lugar onde o pensamento profundo e a discussão profunda do digital pode ocorrer dentro dos objetivos mais amplos da transformação emancipatória da sociedade digital e da crítica informada e do envolvimento crítico com o capitalismo digital. As humanidades digitais críticas incluem, portanto, uma participação democrática com e a partir do conhecimento informado e do pensamento profundo numa contra-narrativa à violência do capitalismo digital imaterial. As humanidades digitais críticas devem, portanto, ser o local de crítica, oposição e resistência ao aumento e à procura cada vez mais totalitária dos meios de comunicação social nas nossas vidas.

Portanto, as humanidades digitais incorporaram as abordagens da teoria crítica da cultura, da crítica institucional, das teorias pós-coloniais e feministas, bem como das metodologias descoloniais, entre outros. Assim, durante quase uma década, as humanidades digitais têm reforçado o seu papel como discurso crítico e instrumento de emancipação contra as subalternidades culturais, geopolíticas e de gênero. Este é um aspecto sobre o qual devemos continuar a agir, integrando o compromisso ético da teoria com a prática. Da mesma forma, as humanidades digitais devem servir como ferramenta para enfrentar os desafios que a Humanidade enfrenta neste século. Neste sentido, trata-se de explorar como podemos utilizar os recursos digitais disponíveis e como podemos conceber e implementar novas ferramentas tecnológicas para abordar as questões cruciais das sociedades pós-digitais a partir de perspectivas inovadoras (ORTEGA, 2018).

Os processos e recursos de aprendizagem, letramento digital e inclusão, entre outros, exigem que os métodos humanísticos e os princípios éticos orientem as decisões sobre práticas futuras. Compreender mais profundamente

o sucesso no pensamento cognitivo intrincado e suas habilidades relacionadas permite que os indivíduos reconheçam suas habilidades cognitivas aprimoradas, envolvendo-se mentalmente em sistemas de interação integrativos. Portanto, sugere-se que as humanidades digitais enfrentem o desafio de conceber sistemas computacionais baseados em métodos humanísticos, principalmente abordagens hermenêuticas e não mecanicistas — em vez de serem reduzidas à estrutura do XML ou a qualquer outra representação computacionalmente desambiguada (DRUCKER, 2021).

Dentre as várias práticas que promovem a humanização por meio do uso da informação, do conhecimento e das humanidades digitais, destacam-se as seguintes: a) práticas éticas na geração de dados, na manipulação da informação, no acesso e na disseminação, com enfoque valorativo e integrativo; b) práticas de gestão na produção de dados, na manipulação da informação e em seu uso adequado, além de esforços para uma disseminação empoderadora, livre de barreiras e más intenções; c) práticas tecnológicas na produção e uso da informação, tanto em plataformas de redes sociais quanto em outras formas tecnológicas, que visam à comunicação, estabelecimento de conexões e enriquecimento de valores por meio de um acesso democrático e troca de informações; d) práticas comunicativas na produção e disseminação de informação, caracterizadas por um diálogo ético, colaborativo e integrativo, garantindo a todos os indivíduos o direito de expressão, acesso, interação e uso das tecnologias; e) práticas relacionadas a serviços e produtos que servem como suporte tangível para a produção de informação e comunicação, permitindo a troca de experiências, aprendizado e conhecimento nos processos de criação e inovação no uso de ferramentas digitais. Isso contribui para uma maior integração social, humanística e empoderada.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O pesquisador optou pelo método qualitativo através da entrevista aberta. Esse método é utilizado quando o pesquisador deseja obter maiores informações sobre o tema, segundo a visão do entrevistado. Como também procurou obter um maior detalhamento do assunto em questão. A entrevista

aberta é utilizada geralmente na descrição de casos individuais, na compreensão de especificidades culturais para determinados grupos, e para comparabilidade de diversos casos ou de modelos na literatura. Nosso objetivo foi identificar as práticas e nuances das humanidades digitais sobre a questão do seu uso numa perspectiva emancipatória do indivíduo: gerando reflexões sobre as ações humanas em rede (MINAYO, 1993).

Essa opção metodológica é utilizada com mais frequência na pesquisa qualitativa, reconhecida como uma técnica de qualidade para a coleta de dados e uma análise profunda sobre o tema. Em diversas áreas, a entrevista qualitativa é uma metodologia de coleta de dados amplamente empregada. Isso se deve ao fato de que a inter-relação, as experiências cotidianas e a linguagem do senso comum no momento da entrevista são condições indispensáveis para o êxito da pesquisa qualitativa (GASKEL; 2014; MINAYO, 2011).

Foi utilizado a abordagem de amostragem por conveniência², em que foram selecionados especialistas, pesquisadores e autores que desenvolveram teses, dissertações e artigos sobre o tema “Humanidades Digitais”. A seleção dos pesquisadores se deu através do currículo *lattes* e do *Google Acadêmico*. Selecionando programas de mestrado e doutorado com a temática e linha de pesquisa sobre Humanidades Digitais no Brasil. Ao encontrar os autores e especialistas com a publicação de artigos e teses sobre o tema, foi enviado um *e-mail* com o convite para a entrevista sobre o tema em questão. Foi enviado sete (7) e-mails para pesquisadores no período de junho. Após o entrevistador obter a resposta assertiva de quatro (4) pesquisadores que concordaram com os termos e com a entrevista, este pesquisador não encaminhou mais os convites para outros pesquisadores, e os outros três (3) pesquisadores não responderam o *e-mail*. A entrevista ocorreu pelo *Google Meet*, que é um serviço de comunicação por vídeo desenvolvido pelo *Google*. Para a codificação e transcrição das entrevistas foi utilizado o software de análise

² O pesquisador seleciona especialistas mais acessíveis no momento, e são convidados para a entrevista para discutir e responder o roteiro de perguntas.

qualitativa MAXQDA³, versão 2020.

4.1 ANÁLISE CRÍTICA DOS DADOS COLETADOS NAS ENTREVISTAS

A primeira fase da análise dos dados foi através da familiarização da entrevista que foi gravada e transcrita integralmente e com a leitura exaustiva. Após esse processo, foram criados os códigos e comentários pessoais do pesquisador. As figuras abaixo mostram a relação dos códigos criados dentro do MAXQDA e a frequência dos códigos. A análise e a codificação foram realizadas através do olhar acurado do pesquisador em cima do objetivo principal da pesquisa.

³ O *software* em questão possui diversas ferramentas para melhor visualização e representação de dados qualitativos. O autor possui a cópia dos dados, para que, a qualquer momento, possa inserir novas codificações, aperfeiçoar, modificar e melhorar, caso necessário. O Maxqda, lançado em 1989, permite organizar, avaliar e interpretar os dados coletados, facilitando a criação de relatórios que podem ser compartilhados com outros pesquisadores. Dentre os dados que podem ser importados para o *software* estão os resultados de entrevistas, de grupos focais, de questionários *online*, além de páginas da *internet*, imagens e arquivos de áudio e vídeo. Sua interface é dividida em quatro janelas que refletem áreas de extrema importância para o processo de análise de conteúdo: uma janela apresenta a lista de todos os documentos, imagens, arquivos PDF e vídeos utilizados no projeto; outra janela mostra a estrutura elaborada de categorias e códigos; uma janela serve para a leitura, codificação e edição dos documentos selecionados; e a última janela visa à recuperação e verificação dos segmentos codificados. O processo de codificação com o Maxqda é feito pelo próprio usuário, que pode criar e organizar as categorias como desejar. O *software* permite que as informações importantes sejam destacadas com cores, símbolos e, até mesmo, *emotions*, que transcendem os limites da linguagem. Outros recursos do programa são: (1) grade de resumo temática; (2) codificação direta de arquivos de áudio e vídeo; (3) avaliação de dados estatísticos e representação em formatos gráficos; (4) personalização do *layout* do *software*, entre outros.

Figura 1- lista de códigos na ordem de mais citados entre os entrevistados



Fonte: Organizado pelos autores no Maxqda2020

Figura 2- Frequência e porcentagem na ordem de mais citados entre os entrevistados

	A	B	C	D
	Lista de Códigos e Frequência de códigos	Frequência	Porcentagem	Porcentagem (válida)
2	Competências e formação dos indivíduos	27	14,06	14,06
3	Acessibilidade	20	10,42	10,42
4	Uso da tecnologia	15	7,81	7,81
5	Nova nomenclatura?	13	6,77	6,77
6	Infraestrutura e carência tecnológica	13	6,77	6,77
7	Digitalização	12	6,25	6,25
8	Multiprofissionais	11	5,73	5,73
9	Emancipação dos sujeitos	11	5,73	5,73
10	Inclusão digital	11	5,73	5,73
11	Ética	9	4,69	4,69
12	Trajetória acadêmica	8	4,17	4,17
13	Fake News	6	3,13	3,13
14	Influência tecnológica	5	2,60	2,60
15	Facilidade de uso	4	2,08	2,08
16	Desigualdade social	4	2,08	2,08
17	Rede social	3	1,56	1,56
18	Pandemia	3	1,56	1,56
19	Comentário em destaque	3	1,56	1,56
20	Sobre quem é o entrevistado \Sobre quem é o entrevistado	1	0,52	0,52
21	Sobre quem é o entrevistado \Sobre quem é o entrevistado	1	0,52	0,52
22	Sobre quem é o entrevistado \Sobre quem é o entrevistado	1	0,52	0,52
23	Experiência profissional do pesquisador e trajetória \Experiência	1	0,52	0,52
24	Experiência profissional do pesquisador e trajetória \Trajetória	1	0,52	0,52
25	Trajetória profissional e atividades profissionais \Trajetória prc	1	0,52	0,52
26	Sobre quem é o entrevistado	1	0,52	0,52
27	Influência tecnológica \Influência tecnológica	1	0,52	0,52
28	Influência tecnológica \Influência tecnológica	1	0,52	0,52
29	Experiência profissional do pesquisador e trajetória	1	0,52	0,52
30	Trajetória acadêmica \Trajetória acadêmica	1	0,52	0,52
31	Trajetória acadêmica \Trajetória acadêmica	1	0,52	0,52
32	Trajetória acadêmica \Trajetória acadêmica	1	0,52	0,52
33	Influência tecnológica \Influência tecnológica	1	0,52	0,52
34	TOTAL (válido)	192	100,00	100,00
35	Omissos	0	0,00	-
36	TOTAL	192	100,00	-

Fonte: Organizado pelos autores no Maxqda2020

A análise dos dados e a codificação foram realizadas em cima dos códigos listados acima. A análise não foi feita na ordem do roteiro da

entrevista, mas sim na ordem que o entrevistador considerou relevante para a análise. Todos os códigos listados foram devidamente citados aqui.

Em síntese, os pesquisadores relatam inicialmente em suas entrevistas que antes de desenvolverem pesquisas acadêmicas sobre Humanidade Digitais e sobre sua trajetória profissional, um ponto em comum é que todos possuem uma admiração pela tecnologia e o seu uso, e o pesquisador listou o código como “**influência tecnológica**”. Essa paixão pela tecnologia norteou suas trajetórias até mesmo em um momento que o aparato tecnológico não se utilizava expressivamente como nos dias atuais. Por conseguinte, proporcionou diversas pesquisas, o que hoje é conhecido como “Humanidades Digitais”. Podemos considerar que, no ano vigente, a geração mais nova na sociedade possui esse perfil de uso intensivo das tecnologias e da *internet*. O que remete a uma atenção especial nesta expansão do uso das tecnologias e da *internet*, enquanto anteriormente o acesso a essas tecnologias era limitado. Os pesquisadores relatam essa forte aproximação tanto no âmbito prático do seu uso como de suas pesquisas e trajetórias profissionais.

Outro ponto que merece destaque é o processo de “**digitalização**”, sendo esse a causa inicial de todo esse campo das humanidades digitais estar se expandindo no mundo todo. Muitos autores desta nova área relatam o pedido de indexação e digitalização da obra de Tomás de Aquino⁴ (HOCKEY, 2004; REICHERT, 2015; ALVES, 2016; BERRY, 2017). O processo de digitalização é um marco para as organizações, universidades e para a sociedade em geral. Facilitou o acesso a documentos únicos que estavam do outro lado do mundo, onde o acesso era dificultoso. Com a digitalização desses documentos, qualquer um pode ter acesso a eles, revolucionando a integração de conhecimento e o seu compartilhamento com a transição do físico para o digital, tanto de documentos como até objetos culturais, a exemplo do *software* Omeka. As humanidades digitais, alinhadas com o processo de digitalização, podem ser consideradas como o processo de transformação e melhorias sobre um conjunto de ferramentas digitais e de metodologias. O que antes era

⁴ Referente ao primeiro trabalho das humanidades digitais de 1949 quando o jesuíta e teólogo Roberto Busa procurou o fundador da IBM Thomas Watson para indexar – digitalizar – os trabalhos de Tomás de Aquino.

difícil, o acesso aos artigos e documentos necessários para o pesquisador, que necessitava ir até as bibliotecas físicas, hoje pode ser facilmente encontrado; o pesquisador tem a facilidade de encontrar a maioria dos documentos dentro de sua própria casa em frente ao computador, e este processo de “digitalização abre suporte pra toda uma outra linguagem e ferramentas que não tínhamos acesso antes”, sendo um potencial que está sendo pouco explorado em nossa sociedade. Como também a “digitalização de texto é importantíssima questão de você abrir o conhecimento na *internet*, do ciberespaço, permite isso”. No entanto, o processo de digitalização é somente uma ferramenta para as Humanidades digitais, que é algo muito maior do que possamos imaginar. Conforme um dos entrevistados: “digitalizar o livro, você está fazendo humanidades digitais. Não, né? Você está digitalizando o livro você estava fazendo um trabalho de tecnologia da informação, de técnico, você está fornecendo uma ferramenta para que as pessoas pesquisem com o auxílio dela e a partir daí vai ter uma geração de conhecimento que aí sim são as humanidades digitais”. A digitalização estabelece facilidades únicas não vistas há muito tempo, no entanto, também possui diversas questões ainda a serem pensadas, como a organização dessa informação no mundo digital (documentos digitalizados) para facilitar a procura, acesso e compartilhamento, bem como as questões dos direitos autorais, em que provavelmente será necessária uma atualização diante do novo cenário: do uso intensivo das tecnologias para a digitalização, e devido à pandemia causada pela COVID-19⁵, que restringiu a mobilidade e provocou o distanciamento social, e, desse modo, acreditamos que aumentou o processo de digitalização e compartilhamentos de documentos digitais.

⁵ Segundo um dos pesquisadores entrevistados, “a pandemia forçou isso também, muita gente finalizou pesquisa durante a pandemia gente tendo que recorrer a recursos digitais pra poder fechar a tese, a dissertação. As aulas são *online*, as aulas que eu dei na USP em 2018 e 2019 foram presenciais o que é bem legal, porque por ser prático eu conseguia tirar a dúvida ali na hora, ficava ali do lado ao aluno do computador, e já na federal do Pará e agora em Minas, no mesmo curso já existem outras dificuldades. E aí tem que ter uma aula pré-gravada. E aí, o aluno tá com dúvida, ele não tem como te perguntar na hora, aí eu recebo um *WhatsApp*, um *e-mail*, aí marco uma reunião com o aluno pelo *Google Meet* pra poder tirar a dúvida em tempo real com ele e tal. Isso gera várias consequências, assim, que são os meandros das humanidades digitais, que nem tudo são flores, é claro, eu sei que teve seus problemas ali e também as questões de armazenamento também”

Sobre o uso das tecnologias na sociedade e em todos os afazeres da vida profissional e social, isso requer investimento em equipamentos de qualidade e de boa facilidade de uso. Uma das principais críticas dos pesquisadores entrevistados é a questão da falta de **infraestrutura e carência tecnológica**⁶. Principalmente nas universidades onde os pesquisadores trabalham em suas pesquisas e atividades acadêmicas. Relatam que, aqui no Brasil, há falta de tecnologias e infraestrutura adequada; além de tecnologia atrasada e precária. O que aumenta a preocupação com a alta intensidade de uso das tecnologias e com as humanidades digitais em voga. Isso tudo pode acarretar maiores dificuldades a acessos aos dados, compartilhamento e armazenamento desses dados.

Além da área de humanidades digitais possuir uma certa interdisciplinaridade, pois, essa área do conhecimento dialoga com diversas outras áreas do conhecimento, tais como: ciência da computação; história; linguística; ciência da informação; administração e outras. É preciso que estejam alinhadas com uma equipe de **multiprofissionais** para lidar com os processos que validam as humanidades digitais. Para os entrevistados, a interdisciplinaridade das áreas e dos profissionais para a atuação em humanidades digitais é essencial e urgente. Como, por exemplo, a comunhão entre os cientistas da computação com outros profissionais trabalhando numa mesma perspectiva e linguagem. Onde o uso da “programação e o desenvolvimento de *softwares*” devem atender maior números de pessoas para o seu uso, e que a interface seja fácil de usar. Pois, a **acessibilidade** é um dos caminhos essenciais para a evolução das humanidades digitais no mundo. Os dados, informações e conhecimento – sendo ele acessível – provocam diferença gigantesca na sociedade e nas pesquisas. O acesso a informações para pesquisa, cultura, memória, arte e outros pode ser uma forma de emancipação do indivíduo. O acesso a livros de outros países pode melhorar e facilitar e muito a pesquisa, a ciência e, da mesma forma, a possibilidade de

⁶ Conforme o entrevistado relata que: “outro conceito que também vem das humanidades digitais, que é o *digital scholarship*, que é, grosseiramente, você levar esse tipo de acessibilidade, seja da informação, seja do *software*, das plataformas, dos recursos de maneira geral, você levar ao nível mais acessível possível”.

adquirir novos conhecimentos. A **facilidade de uso** ou usabilidade é também outro fator importante para o trabalho com as humanidades digitais. As ferramentas e tecnologias devem ser fáceis de utilizar e processar, sem que os indivíduos tenham que aprender linguagens da computação para utilizar determinados *softwares*.

O acesso às informações em geral e o uso integral de boas ferramentas tecnológicas podem acarretar melhorias na **inclusão digital** para o nosso país. Os pesquisadores relatam que a “democratização digital” é um processo que humaniza os sujeitos. Pesquisadores relatam que a sociedade, o setor da educação e a pesquisa estão diretamente envolvidos com o digital. Participar de redes sociais, poder comunicar com amigos e parentes de diversos lugares e países, do uso das tecnologias como atividades profissionais, que são realizadas por meio da *internet*, o uso da computação, celulares e outras tecnologias, isto tudo é um caminho sem volta na sociedade. Por isso, os pesquisadores relatam uma preocupação diante desse fato: a falta de políticas e inquietação quando a este processo. A tecnologia, quando bem utilizada, aproxima as pessoas; congressos e aulas internacionais podem ser realizados a qualquer momento sem que o indivíduo viaje para outro lugar. Por outro lado, os pesquisadores relatam que a falta de infraestrutura tecnológica e investimento no país tem acarretado **desigualdade social**⁷, e isto tem preocupado os pesquisadores entrevistados. Se, por um lado, as humanidades digitais emancipam os sujeitos (quando possuem acesso e tecnologias a seu dispor), por outro lado, quando não possuem, podem acarretar desigualdade. Eles relatam que a maioria das pessoas não possuem dinheiro para comprar um computador. Ter bom acesso à *internet*, acesso a informações de forma adequada; regiões mais carentes necessitam de inclusão digital.

O **uso da tecnologia** é o grande diferencial entre as humanidades digitais, e a questão da humanização dos sujeitos pela tecnologia, informação, conhecimento e cultura. O que os pesquisadores chamam a atenção é para o fato de que o bom uso da tecnologia facilita e muito a vida dos brasileiros – “em

⁷ O “acesso à tecnologia é um acesso que implica o acesso a infraestruturas, acesso a comunicações, dinheiro pra comprar tecnologia”.

aproximar as pessoas” –, facilita nos processos burocráticos e de documentos – na facilidade do acesso e compartilhamento –, que podem ser encontrados no *smartphone* que está na palma da mão do indivíduo. A emancipação do indivíduo perpassa por vários caminhos, um deles é a questão do uso. A forma como o usuário vai utilizar, por exemplo, as redes sociais, a *internet* ou a tecnologia, se vai ser para o bom uso ou de uma forma desumana, é a grande questão, e desafios éticos estão postos para a sociedade e para a ciência. Conforme aponta os pesquisadores, a emancipação dos indivíduos por meio das tecnologias não se dá pelo seu uso, e sim pelo que o sujeito faz com o que digitalizou, publicou, informou, compartilhou sem prejudicar o outro de alguma forma.

Por exemplo, os pesquisadores relatam sobre o uso das **redes sociais**. O seu uso pode se equivaler de vários aspectos e fatores, pode ser de uma forma ruim ou positiva. O *YouTube*, por exemplo, é uma ferramenta essencial para compartilhar ensino, *lives*, cursos em geral. Da mesma forma o *Instagram* e suas *lives*; devido à pandemia, muitos foram obrigados a migrar para as redes sociais, até os que eram contra (os “tecnofóbicos”) as tecnologias e o seu uso foram forçados a utilizar. Houve migração do conhecimento da academia para as redes. E isso é uma forma muito positiva do uso das redes e da tecnologia. Por outro lado, conforme indaga um dos pesquisadores, “também acaba gerando muitas pessoas com ansiedade, uma depressão, porque acham que o *Instagram* é a terra do mundo perfeito, ela se tornou a ferramenta do mundo perfeito, que todo mundo é feliz no *Instagram*. Todo mundo só viu que as pessoas, né? Tirando de foto, *selfies*, não sei o que, elas se esquecem que existem no mundo, além delas mesmos, assim, o narcisismo muito grande. Isso nas pessoas que às vezes são mais suscetíveis a serem ditadas pelos outros e elas vão ficar tristes, vão baixar. Fulano é tão feliz, eu não sou, então, esse ciclano tem isso e eu não tenho, que você acha? Então, é complicado, assim, como eu disse, tudo tem um lado bom, lado ruim, tem que saber filtrar e pra isso é uma e, principalmente, é uma formação de base que a gente tá tendo, aí, de uns anos pra cá. Os professores lá, meio que vão formando os alunos a lidarem com o campo digital, né? Então, é só o que a

gente vai ver o resultado daqui alguns anos, eu acredito".

A luta por emancipação dos indivíduos é um processo árduo e que requer muitos caminhos a serem trilhados. O uso que fazemos da tecnologia é o que dita todo o caminho percorrido para a sociedade, educação e formação. Dentre esses fatores, um que está muito em voga é relacionado às *fake news*, que são exemplos que os pesquisadores trouxeram para a entrevista sobre o uso das humanidades digitais numa perspectiva emancipatória.

Conforme aponta os diálogos em que “um problema que a gente tem na atualidade, que é a questão das *fake news* por exemplo. Se você tem um indivíduo emancipado informacionalmente, né? Pra pegar o termo que você atribuiu, eu já diria, competente informação (literacia digital), não haveria sucesso para as *fake news*, por quê? Porque você vai pegar uma pessoa, você vai encontrar uma mentira e transmitir pra ela e ela vai, no mínimo, questionar aquilo, no mínimo, copiar e jogar no *Google*, pra ver se aquilo tá replicado em outro lugar. Entendeu? Então, isso é exemplo cabal dessa emancipação. Você acha que a pessoa ali recebe aquele título, aquela informação no *Whatsapp* da vida e você acha que ela tá passando pra frente porque ela é maldosa? Não, ela de fato ela acreditou naquilo, entendeu? Porque ela não teve a vivência e não tem a visão de mundo de explorar todo o poderio da informação, da informática e da computação a favor dela. E, nesse caso, o mínimo é você pegar aquilo, copiar, jogar no *Google* pra ver se aquilo tá replicado em outros lugares, né? Pra você questionar, será que isso é verdadeiro?”.

Assim, “sem dúvida, acho um tema extremamente relevante, importante, né? Como eu disse, por conta de uma sociedade que cada vez mais se socializa em rede. Então, quer dizer, se a cultura não tiver presente na sociedade em rede, a gente vai acessar e vai ficar submetido a outros tipos de conteúdo né? E aí é que entra todas as questões das *fake news*, da desinformação, né? De todas coisas nesse sentido. Então, acho que é superimportante o acesso, a memória, as instituições culturais e isso é carece aí de fato de estratégias nessa direção”.

Neste ínterim, o: “professor, ele faz sua mediação, e aí já pensando no pessoal da faixa etária, mais nova cabe ao mediador, o professor, deixar claro

pro aluno como ele vai filtrar as informações, que é um outro problema que a gente tem hoje em dia, né? A gente tem muita informação, por isso tem tanta *fake news* tanta coisa, assim, porque é muito fácil criar o fato na *internet*. Mesmo quem não seja real, é muito fácil. Os discursos de ódio ou coisas assim que a gente vê, que as pessoas ainda não se deram conta que a *internet* não é anônima, né? Não existe anonimato”.

Outro pesquisador relata que: “qualquer tecnologia, é sim, usada nos fóruns. A publicação de livros usados também para publicar críticas sobre outras pessoas. O mesmo acontece com rádio, com a televisão, com o que fala. Nós temos ao mundo digital, temos apenas um meio, que é mais rápido, mais instantâneo, digamos assim, mais global, mas que pode ser usado, precisamente, para combater desigualdades, América do Sul, em África, ou na Ásia, como aquilo funcionou. Eu sou global, como também pode ser usado para que, sei lá, pra influenciar negativamente nas eleições, por exemplo para divulgar as *fake news* para tentar esconder o universalismo da ciência, pode ser usado para fins positivos e negativos, é certo que a tecnologia também não é neutra. Ou seja, sabe ler e escrever, mas muitas das vezes não conseguem destrinchar entre o que é uma notícia falsa numa rede social do que é uma notícia verdadeira e não notar que é falsa, porque a forma como o digital consegue representar a informação e manipular a informação dando uma roupagem, uma perspectiva, um aspecto de que aquela informação é verdadeira. Na prática é falsa”.

A questão **ética** e moral envolve todo o processo de uso das redes sociais e a *internet*. Para os pesquisadores, um dos grandes desafios relacionados à ética reside no fato de que “colocar ciências humanas na sociedade e rede é permitir que esses objetos possam circular nas redes sociais, nas mídias, e possam ser utilizados pra diferentes experimentos e estratégias de formação, cultural, de formação educacional. Nessa perspectiva, o nosso desafio ético é dar acesso à cultura, né? Garantir infraestrutura, garantir ferramentas, é garantir condições pra que as pessoas possam acessar a história, a memória da cultura brasileira de tudo aquilo de maravilhoso e rico que a gente tem produzido no século de nossa história”. Segundo um dos

pesquisadores relatam que “são desafios em criar uma geração mais educada no sentido de respeito. Respeitar, viver com as diferenças, que é isso que faz parte do ser humano. A gente convive com isso até no meio acadêmico, né? Mas, às vezes, você escreve alguma coisa, tal, está dando uma palestra, mas aparece lá alguém ali, fala a opinião dela que é contrária a sua, não me quer dizer com a pessoa está te odiando, ela tem outro ponto de vista, é assim que o conhecimento, que a pesquisa acontece. A partir do embate de visões diferentes. Então, falta, acho que eles são desafios, desafio de educar as pessoas, porque elas têm um conhecimento de que não é terra sem lei, *internet* não é terra sem lei. Principalmente respeitar o humano enquanto humano. Isso é fundamental”.

Para haver um grande diferencial para uma sociedade em rede e digital, com o bom uso dos ferramentais e sem os perigos das *fake news*, é preciso que os sujeitos tenham **competências e uma boa formação**. Conforme aponta os dados qualitativos o “pensar como esse processo em que a informação o consumo, o aproveitamento da informação, o uso o processamento, ele está cada vez mais compulsoriamente delegado à computação, como esse processo, ele vai acabar se tornando o impeditivo do que um facilitador, pra que, que não adianta você ter recursos ter conteúdos pra processar, pra analisar, mas se isso não tá acessível, não tá ao alcance das pessoas. Eu digo que é a minha segunda preocupação, porque a gente, da ciência da informação, a gente trabalha muito a questão das competências e em formação dos indivíduos. E as humanidades digitais não possuem essa preocupação. Essa sinalização. Sendo que se nas áreas informacionais, isso tem que ser uma preocupação fundamental, porque não adianta você chegar pegar um computador superpotente no balcão da biblioteca e falar pro cara, pesquisa, não é assim. Você tem que, no mínimo, dizer, abra aqui, está a base de dados, aqui você pesquisa título, agora você imagine nas humanidades digitais em que se estão sendo desenvolvidas várias ferramentas programadas às vezes a partir do zero para uma determinada questão para que você chegue a determinado produto. Então, essa pra mim vai ser o segundo calcanhar de Aquiles das humanidades digitais, por quê? Porque você, senão, você vai tá

delegando o potencial da área, exclusivamente, a programadores e desenvolvedores”. “Quando você me, falou, no início, que a sua questão principal era essa, essa emancipação do indivíduo, eu fiquei muito feliz, porque eu acho que você tem uma entrada aí pronta pra fazer, que é pensar, as competências no âmbito das humanidades digitais, eu já, já cantei essa pedra pra vocês, as humanidades digitais, não têm essa preocupação, porque eles não querem não, é porque eles não foram pensados pra pensar isso, né?”.

Por outra perspectiva: “nós não estamos falando só de tecnologia, nós estamos falando de forma de pensamento, nós estamos falando de metodologia, nós estamos falando de ferramentas? Que requer formação e competências para utilizá-las. Pois, a própria formação dos pesquisadores, né? Que para o exercício das humanidades digitais no seu potencial, essa formação pede uma certa interdisciplinaridade, quer dizer, importante que esse pesquisador, ele dialogue com as questões das ciências humanas de uma maneira muito confortável e, ao mesmo tempo, dialogue com as questões digitais, né, com as questões computacionais, também, de uma maneira confortável. Mais profundas no sentido da formação de profissionais na área. Então, por exemplo, o surgimento de escolas de inverno, escolas de verão, né? É que ajudem a capacitar pessoas nessa direção, surgimento de disciplinas específicas, né? De laboratórios na pós-graduação e esse tipo de coisa em geral precisa de política de fomento, né?”.

Assim sendo: “eu acho que provavelmente é possível, desde que você tenha uma boa mediação para isso e com isso eu quero dizer o seguinte, que muita gente tem medo da tecnologia, inclusive do dos jogos que eu faço lá pelo grupo de pesquisa, porque eles acham que isso é substituir o professor. Isso ainda é um debate. Um debate que a gente traz desde a década de noventa ali, que sobre a mídia na educação, essa mídia substitui o professor ou não. E muita gente acha que o jogo que eu fiz lá pelo meu grupo de pesquisas, se o professor levar uma molecada pro laboratório ir passar o jogo, acabou a aula. A aula tá dada. Não é isso. As tecnologias não substituem o professor porque o professor é o mediador do conhecimento, ele que vai falar, vai preparar o aluno, vai fazer toda essa construção de saber pra depois o aluno vai jogar e

ter uma outra visão, né? São coisas dialogam entre si, viu? Uma não é superior a outra. A figura do professor é fundamental. O professor não vai desaparecer.” “Então, eu acho que, a partir do momento que vocês, o mediador, o professor, ele cria um senso crítico no aluno e ele vai replicar isso”. “Eu acho que isso é a questão, assim, das humanidades digitais reformar humanos, humanos aí no mundo que a gente tem cada vez mais robôs e coisas do tipo, assim, que tentam embolar os humanos na *internet* no *Twitter* você ter pessoas com pensamento crítico, isso é fundamental, e aí sim utilizar essas ferramentas que a gente tem na *internet*, tudo isso, computador, pra poder se emancipar e seguir o seu caminho, né? E ajudar outras pessoas, pelo que a gente faz. Se você não teve um uma boa mediação, não construiu um senso crítico, um pensamento crítico, a chance de cair em besteiras, cair em discursos de ódio”.

O pesquisador informa sobre a importância do acesso a uma educação numa literacia digital (inclusão digital associada à competência). Conforme o relato: "que tem a ver com essas dificuldades há um conjunto de pessoas defendendo que pode vir a acontecer, né? Uma hipótese, que por um lado há ainda uma curva de aprendizagem num conjunto de ferramentas digitais que é significativa e isso limita a expansão do uso deste método digital. Por exemplo, usar bases de dados novas, bases de dados SQL, por exemplo, construir, nem usar, criar uma base implica um conhecimento, uma tecnologia digital, uma linguagem da computação que obriga o historiador o linguista, o pesquisador de estudos literários, seja aquilo que for, área que for, obriga, que eu tenha uma curva da aprendizagem significativa”. “Portanto, eu acho que um desafio urgente nós temos aqui, é mudar esta lógica, ou seja, os dados têm que ser publicados de uma forma que os tornam fácil acesso e encontrar, muito estudos sobre isso, trabalho feito sobre isso, algumas comunicações feitas sobre isso. Quando se vai tornar todos os objetos digitais na nossa pesquisa, que sejam pesquisáveis, ou seja, seja possível encontrar aquela informação de forma fácil, que seja o interoperável, ou seja, que os meus dados comuniquem, com dados de outros. Ou seja, qualquer pessoa possa usar e que ao mesmo tempo seja autorizáveis, ou seja, qualquer pessoa possa pegar os meus dados e transformá-los para usar numa pesquisa diferente, partindo dos mesmos

dados. Enquanto nós não cumprirmos estes quatro princípios, são chamados princípios *FAIR*⁸, os quais são (encontrabilidade, acessibilidade, interoperabilidade e reutilização).

Por fim, tem-se o nosso objetivo de verificar: como o uso das humanidades digitais pode contribuir para a emancipação dos sujeitos? Assim sendo, pesquisadores entrevistados informam que: “então, pra mim as humanidades digitais, em grande medida, elas têm uma importância de dar ferramenta para as pessoas que trabalham na dimensão da emancipação. Pros educadores, pros professores, pros mediadores, né, pros bibliotecários, pros museólogos enfim, pros mediadores culturais, né? Que são pessoas que estão trabalhando com jovens, com crianças, com enfim, idosos, seja com quem for e que carecem de ferramentas, que carecem de referências pra realizar o seu trabalho. Então, eu acho que a gente empodera ao desenvolver projetos de humanidades digitais, a gente empodera essas pessoas, a gente fornece ferramentas pra elas poderem desenvolver esse trabalho que eu acredito que possa ter um potencial de emancipação e de fortalecimento, cidadão, né? Que é uma questão tão necessária no nosso país, ainda mais nos tempos atuais. Eu não acredito que a tecnologia por si só, né? As ferramentas, por si só, possam produzir isso, talvez elas possam tocar algumas pessoas mais sensíveis a esse tema”. Penso em: “estratégia de emancipação é nos darmos acesso à cultura, aos conteúdos, aos objetos, às estratégias formativas para as pessoas que tão trabalhando, né? Sobretudo no campo educacional, sobretudo no campo das estratégias de mediação. E a questão da emancipação é de fato o aspecto mais importante de tudo que temos tentado fazer e um dos mais difíceis de avaliar”. “A emancipação, pra mim, não se dá apenas na perspectiva do acesso, acho que emancipação tem a ver com uma transformação de origem educacional, quer dizer, tem a ver com essa abertura de mente, essa abertura de possibilidades, essa abertura de horizonte que uma pessoa tem,

⁸ Conjuntos de dados individuais e agregados devem estar disponíveis com poucas barreiras ao acesso em um formato padronizado e útil. A acessibilidade e a eficácia dos conjuntos de dados existentes e futuros podem ser aumentadas através da promoção de formatos padronizados, elementos de dados comuns e definições de fenótipo padronizados e amplo compartilhamento de dados. O compartilhamento de dados também pode ser complementado pela catalogação e agregação de repositórios de dados (WILKINSON *et al.*, 2016).

quando ela toma contato com a arte, com a cultura, seja por meio de uma música, de uma dança, de uma comida, né, de um livro, de uma poesia, de um enfim, uma peça de teatro, um filme ao tomar contato com aquilo em algum contexto, né? Seja inserido, num espaço educacional, num espaço de abertura, num espaço que leve a reflexão, que leve essa pessoa a rever seus modos de vida, a repensar seus hábitos, né? Repensar na maneira como ela atua na vida, aí você tem um processo de emancipação. Então, eu diria que as humanidades digitais são tão importantes quanto as bibliotecas, são tão importantes quanto os museus, né? São tão importantes quanto as escolas, porque de fato, são condições e infraestruturas, né, de acesso à cultura pra formação de um de um cidadão, de um ser humano é que se quer pensante, né? Que reflita, que medite, que possa ter uma participação social mais empoderada”.

Como também a emancipação pode dar ao sujeito as capacidades e competências necessárias para evitar que o usuário caia no acesso a informações falsas como as *fake news*, e possibilita verificar se a informação é realmente falsa ou verdadeira. Possibilitando ao usuário, por meio das competências, não reproduzir tais informações de cunho duvidoso. Como também o uso das tecnologias móveis e os aplicativos, como exemplo da carteira digital, na possibilidade da carteira digital de vacina, título de eleitor e outros: “isso é um é uma forma de emancipação, entendeu? É uma forma de independência, você já tá carregando tudo aqui, então tá no bolso, você não precisa procurar, ah, bota o dedo aqui, desbloqueou, mostrou, acho que isso é uma forma de emancipação. Eu acho que já que esse é o caminho que a gente tem pra chegar a massa da população, vamos utilizar. Agora, o problema não está resolvido. Ele está sendo contornado, entendeu?”.

Outro relato é que: o usuário através do uso das redes em geral poderá, por exemplo, “Tanto é questão da educação, como de saúde, enfim, faz a questão social também, né? As pessoas têm muito pé atrás com a tecnologia, falando, cara, você só fica no computador, não fala com ninguém, isso antes da pandemia. E não, né? O computador não é jeito da gente conversar, cara, eu estou começando conversar agora, coisa que pessoalmente seria complicado,

ia ter que viajar. Então, ela aproxima as pessoas também, eu acho, ela aproxima muito as pessoas graças a *internet* eu tenho contato com colegas que estudaram comigo ali na quinta, sexta série, que mora em outros lugares do país ou do mundo. Eu vejo que se conversar com eles, sim. Então, isso é positivo eu acho que esse aspecto social e essas são as coisas boas, todas as coisas ruins. Tudo é positivo e negativo, não tem como, tem que procurar o equilíbrio sempre porque ao mesmo tempo que o *instagram*, por exemplo, traz *lives*, traz esse conhecimento, também acaba gerando em muitas pessoas uma ansiedade, uma depressão, porque acham que isso que *instagram* é a terra do mundo perfeito ela se tornou a ferramenta do mundo perfeito, que todo mundo é feliz no *instagram*, né”.

Sobre essa questão o pesquisador informa que: “apesar de haver algum resultado positivo, eu acho que a com a introdução da tecnologia na democratização, no acesso à informação nesse sentido isso pode contribuir pra uma certa emancipação do indivíduo. Parte de quem usa quem uso tem um fim, um propósito que é humanitário, a emancipação, por exemplo, usado dessa forma. É um fim de restrição dos direitos humanos, de combater os direitos de minorias ela vai ser usada”.

O nosso código de última análise é o que eu chamo de **nova nomenclatura**. Isto é, com base nos diálogos dos pesquisadores foi constatado que as Humanidades Digitais – hoje apresentadas como uma novidade – é apenas um novo nome dado para o que antes era chamado de “*humanities computer*”.

Segundo o entrevistado, "então, nesse meio tempo, depois que eu defendi a dissertação e falando sobre essas questões, eu comecei a ouvir falar das humanidades digitais. E aí, comecei a mergulhar pra entender o que, afinal de contas, o que era aquilo? Que é isso? Então fala, ah, humanidades digitais, digitais. E aí, quando eu percebi que isso tinha a ver, né, com a aplicação de tecnologia nas realidades informacionais das pessoas de pesquisa, eu falei, opa, eu acho que isso aí tem tudo a ver com o que eu fiz academicamente até hoje, né? Então, quando, eu comecei a me aprofundar, pra entender o que era isso, eu percebi que eu tinha muito a contribuir. Então, eu falei assim, opa, isso

pra mim não é novo, aí uma visão nova, né? É claro, esse fenômeno, ele tá provocando é gerando, consequências novas, mas ele, por si só, ele não é exatamente novo, né? Olha, isso não é exatamente novo, porque a gente tem agora um fenômeno, né? Que caracteriza que pessoas que até então não haviam percebido esse fenômeno, e que essas pessoas passam a perceber esse fenômeno e passam a dar o nome a esse fenômeno, criam uma narrativa, como comunidade expulsiva, que eles chamam, um gênero discurso, né?". "E isso tudo me provocou a escrever e aí eu ingressei no doutorado pensando exatamente em desenvolver essa questão. Ora, as humanidades digitais tão aí, isso não é um processo, exatamente novo e eu vou provar que ele não é exatamente novo, porque eu sei que eu vi muitas dessas questões acontecerem ao longo do tempo, só que agora elas ganharam o nome e estão aplicadas de uma maneira mais cirúrgica, né? Mais que tá percebido por outros pares acadêmicos, né? E criaram essa, essa nomenclatura e que estão formando um campo, devido a importância, né? Das consequências desse fenômeno, ele acabou por gerar o campo, né? Pela êxtase que os participantes irem te passar a identificar esse fenômeno, o qual ele era interessante. Então, isso acabou sendo um trampolim pra se formar um campo, que é o campo da humanidade digitais". "Porque a gente, antes das humanidades digitais, serem cunhadas de *digital humanities* né? Dessa forma, digital havia o campo *das humanities computer* que nada mais é as humanidades digitais, porém percebidas de, ou melhor, não percebidas como campo de estudo e restritas do ponto de vista dos produtos que essa tecnologia possibilitaria, né? Então, isso, eu faço, eu fiz questão de começar a tese, o primeiro capítulo da teoria, tratando sobre isso exatamente pra afirmar. Olha, nós não estamos diante de uma novidade cem por cento nova. A gente tá vivenciando agora um olhar mais aprofundado sobre essa questão." "*Humanities computer* eu acho, ah, é grosso modo, a diferença é exatamente essa. A *humanities computer*, já era uma humanidades digitais, com uma grande diferença aí que a tecnologia, ela avançou tanto, que ela permitiu-se penetrar as práticas metodológicas de pesquisa nas humanidades e com isso gerando produtos até então não imagináveis, ou não previsíveis. Então, eu acho que a diferença é essa,

seguida da criação de uma narrativa de um gênero de discurso e da identificação da importância de que esse fenômeno era tão impactante que estavam diante é mesmo, era da criação de um campo próprio pra falar dele”.

Assim, podemos considerar que: “então pra mim a natureza vem daí que é essa transformação daquilo que são átomos pro que vai se transformar em *bits* né? Então, objeto físico no objeto digital. Eu acho que nesse ponto, né? Nesse processo, no meio é dessa transformação é que se cobrem possibilidades muito interessantes de trabalho, e daí eu vejo que tem uma origem, né? É de interesse acadêmico bastante legítimo, bastante autêntico. Porque são questões que precisam de respaldo conceitual, precisam de respaldo ferramental, né? Então, nós não estamos falando só de tecnologia, nós estamos falando de forma de pensamento, nós estamos falando de metodologia, nós estamos falando de ferramentas, né? Então, a gente começa a falar de um, de coisas que não são facilmente enquadráveis nas referências e nos repertórios anteriores que nós tínhamos. Então, acho que por isso a necessidade de ir dialogando sobre isso de uma outra maneira”.

Assim: as humanidades digitais: “é um tema que tem surgido bastante nos departamentos de humanidades, né? De um tempo pra cá aí, uns anos pra cá, se eu não me engano, acho que na ECA - Escola de Comunicações e arte na USP acho que a disciplina de humanidades digitais que eles têm lá agora é de 2018 por aí, é que foi a primeira. Então é algo que o pessoal tá se dando conta que existe, mas que eu concordo que, assim, há outra nomenclatura pra algo que já existia, por aí. Mas que agora a gente tá colocando tudo isso debaixo desse guarda-chuva chamado Humanidades Digitais”. “Então, eu já nem sei mais se cabe uma diferenciação entre humanidades e humanidades digitais. Agora, no século XXI. Porque na minha concepção tudo é humanidade digital, porque a gente utiliza todos esses aparatos, essas ferramentas para exercer a nossa função, mas, ao mesmo tempo, por exemplo, ser da área de humanidade, a gente tem o dever de fazer uma crítica a tudo isso. Não apenas utilizar o computador como uma ferramenta, né? Mas pensar o computador como algo que influi diretamente na sua pesquisa.” “Eu vejo as humanidades digitais aqui no Brasil. Eu acho que tá crescendo, assim, o pessoal a partir do

momento que descobriu o termo, ele virou um termo coringa, né? Sabe pra tudo, esse eu utilizo também isso. E eu acho que a o pessoal tá aproveitando essa moda das humanidades digitais que veio e eu acho que tem que aproveitar mesmo, assim, pra fazer a ficar cada vez mais ao parecer cada vez mais, porque os departamentos agora estão realmente se importando com isso”.

Por fim: “o que hoje nós chamamos humanidades digitais era o que se chamava antigamente, sei lá, computação e humanidade, computação em história, por exemplo, e já se usava. Agora, a palavra, em si, o conceito mais novo, mais já no nosso século”. “Em 2018 fiz a apresentação da minha na abertura do congresso em humanidade digital no rio de janeiro. E no final da minha publicação, usei uma frase provocativa que provavelmente irá resultar que daqui algum tempo, nós vamos deixar de falar em humanidades digitais. O que não quer dizer que aquilo que está crescendo ao que são, as humanidades digitais desapareçam, muito ao contrário. Mas, esta utilização do método digitais para pesquisa em humanidade, vai ser, julgo eu, daqui uma década, talvez um pouco mais, um pouco menos, mas ela vai ser tão comum, tão frequente e tão extensível a todas as áreas do conhecimento você vai deixar de se fazer esta diferença que hoje ainda exista, sabe?”.

Finalmente, foi criada uma nuvem de palavras mais usadas na lista de código criado pelo entrevistador com base nos dados das entrevistas e uso do *software* qualitativo em questão. Para ter uma ideia geral de todo o processo que leva a humanidades digitais numa perspectiva de humanização e emancipação dos indivíduos, conforme a Figura 3, observa-se a concentração das palavras competências e formação dos indivíduos como o fator principal para conseguir fazer com que o uso das humanidades digitais esteja alinhado com a emancipação dos indivíduos no panorama digital.

Figura 3- Lista de códigos e nuvens de palavras



Fonte: Organizado pelos autores no Maxqda2020

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As humanidades digitais atualmente é um campo em construção, mas que já tinha se consolidado há uns anos com outras denominações. Recentemente, com o uso intensivo das ramificações digitais e da *internet*, prevaleceu o seu *boom* através do manifesto das humanidades digitais em 2011, com uma declaração que é uma “comunidade de prática solidária, aberta, acolhedora e de livre acesso”. Apesar das suas edificações, ainda é necessário um caminho árduo para o seu assentamento no campo teórico e na prática como competência validada e corroborada como efetiva habilidade para o apropriado uso geral das redes, tecnologias e redes sociais em uma perspectiva humanista e de empatia com o outro, mesmo que na *internet*.

Com base nos dados qualitativos coletados junto com os pesquisadores, e com base na literatura das humanidades digitais e emancipação, podemos nos aproximar dos objetivos iniciais desta pesquisa. A saber, como o uso das humanidades digitais pode contribuir para a emancipação de sujeitos? Em tempos como o de agora em que o acesso à *internet* e o uso da tecnologia são tão expressivos que até se naturalizaram. Como o processo de digitalização de documentos, livros, artigos e outros. Hoje, até mesmo com um aplicativo é possível digitalizar um documento, tirar foto em qualquer lugar e ambiente, e enviar para diversas pessoas e comunidades em poucos segundos. Conforme apontam os pesquisadores, isso é um avanço para a sociedade em ter essa facilidade de uso tanto para usuários comuns, como para pesquisadores que

necessitam de acesso a material que está disponível somente em um determinado acervo ou país, por exemplo. No entanto, o que é chamado a atenção é a forma como é utilizado o que foi digitalizado: cabe a discussão e razão para futuras pesquisas sobre o uso das tecnologias – humanidades digitais – sobre um olhar humano e emancipatório.

Os pesquisadores chamam a atenção do estado e governo sobre a confecção de políticas efetivas para as instituições públicas no quesito da infraestrutura e carência tecnológica que professores pesquisadores – e até mesmo alunos – podem estar presenciando para realizar pesquisas e a propagação da pedagogia. Reforçam seus argumentos por dois motivos principais: um por causa da pandemia que estourou no mundo todo, que dificultou o acesso e uso das tecnologias por questões de saúde e interação social, e, por outro lado, a própria intensidade em que ocorre o uso das redes, tecnologias físicas e móveis, *internet* e outros. Que são ainda estruturas muitas vezes inadequadas e desatualizadas.

Além desse quesito, os especialistas relatam a necessidade de ter em seu local de ocupação equipes de multiprofissionais com habilidades e competências necessárias para lidar com as complexidades que envolvem a ciência da computação, logaritmos, programas específicos para lidar com o montante de dados, de informação e de conhecimento. Uma vez que não são todos que possuem tais competências. Por isso, há a necessidade, além de ter tais especialistas, que exista uma comunhão entre eles, que falem a mesma língua. Que trabalhem de uma forma harmônica dialogando com as diversas áreas e especialidades distintas. Esse processo é necessário para evitar problemas relacionados ao acesso, na facilidade de uso do sistema, na busca de informações de uma forma clara e fácil para o usuário, para isso, é preciso que essa equipe trabalhe em sua totalidade.

Assim, dessa forma, sendo um dos caminhos para conseguir prevalecer a inclusão digital no país. Essa questão é bastante discutida pelos pesquisadores. A inclusão, bem como a sua democratização do digital do acesso a todos, é uma forma de humanizar as pessoas. Visto que outro ponto bastante destacado pelos pesquisadores é a questão da desigualdade social,

que preocupa os pesquisadores e que afeta diretamente pessoas carentes de variados países que não tenham acesso a tecnologias eficientes para realizar pesquisas, por exemplo, para educar e compartilhar o conhecimento necessário para todos. Sendo que a emancipação na perspectiva das humanidades digitais se dá pelo acesso às tecnologias e *internet*, sem elas, as humanidades digitais e emancipação podem não ser consolidadas e efetivadas. É preciso pensar numa forma de democratização digital.

Outro ponto destacado é o uso das redes sociais, que cresceu acentuadamente nos últimos tempos. Os pesquisadores chamam a atenção para a forma como está sendo utilizada, isto é, no compartilhamento, acesso e produção de *fake news* pelas redes sociais e *whatsapp*. Tais indivíduos que propagam tais elementos, se tivessem o que os pesquisadores falam da educação digital, senso crítico, inclusão digital, e competência informacional, poderiam evitar o compartilhamento desenfreado de informações falsas. Uma vez que o usuário teria um esforço para pesquisar sobre a informação acessada, se é ou não falsa, e, dessa forma, não iria compartilhar e assim orientar o outro sobre a notícia ou informação que é desleal.

Para os pesquisadores, há um desafio ético e moral para lidar com o uso das tecnologias e da *internet*. Como também alinhado ao processo de formação e da criação e aprendizagem das competências necessárias para lidar com esses fatores, e, dessa forma, poder ter os subsídios necessários para fazer do sujeito e de outros um ser emancipado e empático no mundo digital. Por isso, os pesquisadores relatam que a criação de competências e habilidades de uso das redes e *internet* é um dos grandes desafios das humanidades digitais. Possuir uma boa mediação desde cedo, educação no uso das ferramentas tecnológicas, porque o uso vai prevalecer por todo o tempo. Não é possível conviver sem a tecnologia hoje em dia, e a tendência é só crescer com o uso e as melhorias das tecnologias. Por isso, o grande desafio está na condição do uso, a forma como é utilizada, para que fins e meios o indivíduo está utilizando aquela ferramenta que pode ser usada positivamente ou negativamente. Buscamos apresentar estratégias para a emancipação dos indivíduos: o primeiro passo está na consolidação de educar,

e ensinar competências para os indivíduos aprenderem a lidar eticamente e com empatia nas redes em relação ao *outro*. E para aqueles que ainda pretendem caminhar por entre vias negativas e do mau uso das redes, o governo necessitará de maiores programas, sites ou extensões que identificam essas nocividades com leis rígidas e punições mais severas.

Então, o uso das humanidades digitais pode contribuir de diversas formas para emancipar os indivíduos. Elas são mais do que instrumento profissional, de comunicação e interação de um lugar para o outro. O uso das tecnologias, mesmo longe do outro sujeito, faz com que você comunique, informe, mande mensagem e tenha diálogos consecutivos e sociais. Representa-se, da mesma forma que pessoalmente, com o outro lado da tela, ou seja, independente da distância, o diálogo é produzido. Então, no uso da tecnologia, independente do lugar e distância, o que prevalece para empatia e emancipação está no uso que o homem faz da tecnologia e redes. Assim como políticas sociais, projetos sociais são ações emergentes e necessárias no país para consolidar o marco das humanidades digitais e, assim, possibilitar aportes para a configuração de melhorias em novos equipamentos tecnológicos, em ferramentas necessárias para a educação, e aprendizagem digital para a sociedade, contendo profissionais necessários e capacitados para ensinar e trabalhar com esses projetos, uma vez que são ferramentas e tecnologias que tendem a só crescer no mundo. Se continuar o uso desenfreado e desigual, só tendem a instituir uma sociedade mais ainda inflexível no que tange a desigualdade social e, conseqüentemente, maiores problemas no quesito rede.

Por fim, a discussão sobre humanidades digitais só tende a crescer e aflorar no campo das diversas áreas do conhecimento. Tal discussão não é uma novidade no mundo teórico dos cientistas e pesquisadores, no entanto, tem ganhado atenção devido à manifestação do acentuado uso das redes e tecnologias de uma forma prejudicial ao outro em diversas partes do mundo e no campo das relações. E, por outro lado, há a tendência de expandir o uso das tecnologias em alguns anos e constata-se a urgência de pensar em estratégias específicas no que toca as humanidades digitais. Esse entendimento, de uma forma geral, envolve o processo de interações, que

abrange a informação, documentos, acesso, compartilhamento, digitalização, mensagens, comentários em redes entre indivíduos, organizações no contexto social. Em nossa fundamentação teórica, entendemos esse processo como um esforço para compreender novas formas de ser, de pensar, de agir e de manifestar-se no mundo contemporâneo. Formas nas quais exige-se dos indivíduos e profissionais uma postura aberta e multirreferencial para entender e agir socialmente, tendo como ponto de partida os comportamentos humanos a partir do advento e da (r)evolução das tecnologias da informação, das tecnologias móveis e da comunicação do século XX ao século XXI, bem como as formas de trabalho e do direito social e individual de cada um de agir e comunicar-se na sociedade e em qualquer ambiente sem coações e sem barreiras (físicas, de poder ou de formação).

Os empecilhos que ainda emperram o processo das interações, na produção de informações falsas, no acesso e no seu compartilhamento, resultam, na maioria das vezes, da assimetria dos participantes; do esforço de cada um diante dos embates sociais ao lidar com outros indivíduos com raças e culturas diferentes; dos polos de recepção de cada um; com respeito às condições pragmáticas da geração, e, principalmente, da inexistência de critérios comuns de aceitação e atribuição de valor, ao que está sendo dito, construído, compartilhado pessoalmente, virtualmente ou no enunciado propriamente dito. Através desse conhecimento adquirido e do esforço para lidar com o outro, a interlocução do debate social passa para um nível integrador no que tange à reconstrução do ser pensante no ambiente digital, bem como a criação do potencial de informações, do acesso e uso das redes para a sua emancipação na perspectiva crítica, integradora e humanística.

Pois, neste cenário e na perspectiva das humanidades digitais, este fenômeno pode assumir caráter emancipador e de aprendizado pela dinâmica das inter-relações no meio digital. Nesta abordagem consideramos o elo entre os sujeitos intersubjetivamente, predominando a capacidade de estabelecer maior vínculo entre as pessoas, a autonomia nas relações e autogestão. As humanidades digitais passam a ser o insumo necessário para fazer do ambiente digital humanizado e desenvolvido, pois, as pessoas necessitam de

interação e de relações humanísticas, para isso, há necessidade de interação dos diferentes sujeitos, que devem se reconhecer mutuamente, favorecendo uma existência digna e apresentando-se como um recurso necessário em um mundo cada vez mais complexo, intolerante e individualista.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

ALVES, D. As Humanidades Digitais como uma comunidade de práticas dentro do formalismo acadêmico: dos exemplos internacionais ao caso português. **Ler História**, [S. l.], v. 69, p. 91-103, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/lerhistoria/2496#citedby>. Acesso em: 25 jul. 2021.

ARAÚJO, C. A. A. Novos desafios epistemológicos para a ciência da informação. **Palavra Chave**, La Plata, v. 10, n. 2, p. 1-15, 2021. Disponível em: <http://sedici.unlp.edu.ar/bitstream/handle/10915/119516/Documento.pdf-PDFA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso: 29 jul. 2021.

AUSUBEL, D. P. **The acquisition and retention of knowledge**: a cognitive view. Lisboa: Plátano Edições Técnicas; 2000.

AUSUBEL, D. P. **The psychology of meaningful verbal learning**. Nova Iorque: Grune & Stratton, 1963.

BARATS, C.; SCHAFFER, V.; FICKERS, A. Fading Away... The challenge of sustainability in digital studies. **Digital Humanities Quarterly**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 1-17, 2020. Disponível em: <http://www.digitalhumanities.org/dhq/vol/14/3/000484/000484.html>. Acesso em: 29 jul. 2021.

BARNETT, F. M. The Brave Side of Digital Humanities. **Differences**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 64-78, 2014. Disponível em: https://www.sas.upenn.edu/~cavitch/pdf-library/Barnett_BraveSide.pdf. Acesso em: 24 abr. 2021.

BERRY, D. M.; FAGERJORD, A. **Digital Humanities**: Knowledge and Critique in a Digital Age. Cambridge: Polity, 2017.

BROWN, J. S.; DUGUID, P. **The social life of information**. Boston: Harvard Business Review Press, 2000.

CAPURRO, R. Citizenship in the Digital Age. *In*: SAMEK, Toni; SHULTZ, Lynette. (ed.). **Information ethics, globalization and citizenship: essays on ideas to praxis**. Jefferson, NC: McFarland, 2017.

CAPURRO, R. Información y acción moral en el contexto de las nuevas tecnologías. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DE INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO, ÉTICA E AÇÃO, 7., 2011, Marília. **Anais [...]**. Marília: UNESP, 2011.

CAPURRO, R. Intercultural Information Ethics: Foundations and Applications. **Signo pensam**, Bogotá, v. 28, n. 55, p. 66-79, 2009. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-48232009000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 jul. 2021.

CAPURRO, R. Nelson Mandela as information ethicist: A dialogue. *In*: BESTER, C.; BRITZ, J.; CAPURRO, R.; FISCHER, R. (org.). **Nelson Mandela: a reader on information ethics**. Auckland Park: International Center for Information Ethics, 2021. Disponível em: https://www.i-c-i-e.org/_files/ugd/788aa6_a19c8754f562440c810b1e8dfeb50eba.pdf. Acesso em: 22 fev. 2022.

CASTELLS, M. **The Rise of the Network Society**. Volume I. The Information Age: Economy, society and culture. Oxford, Blackwell Publishers, 2010.

DACOS, M. **Manifesto das Humanidades Digitais**. ThatCamp Paris, [S. l.], mar. 2011. Disponível em: <https://humanidadesdigitais.org/manifesto-das-humanidades-digitais/>. Acesso em: 29 jul. 2021.

DALBELLO, M. A genealogy of digital humanities. **Journal of Documentation**, [S. l.], v. 67, n. 3, p. 408-506, 2011. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/00220411111124550/full/html>. DOI: <https://doi.org/10.1108/00220411111124550>. Acesso em: 24 abr. 2021.

DRUCKER, J. Sustainability and complexity: Knowledge and authority in the digital humanities. **Digital Scholarship in the Humanities**, [S. l.], v. 36, n. 2, p. 86-94, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1093/llc/fqab025>. Acesso em: 27 jul. 2021.

FLORIDI, L. **The ethics of information**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Porto: Afrontamento, 1975.

FROHMANN, B. A documentação rediviva: prolegômenos a uma (outra) filosofia da informação. **Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 227-249, 2012. Disponível em: <https://seer.unirio.br/morpheus/article/view/4828>. Acesso em: 27 jul. 2021.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e de grupos. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem, e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 64-89.

GOLD, M. K. **The Digital Humanities Moment**. 2012. Disponível em: <https://dhdebates.gc.cuny.edu/read/untitled-88c11800-9446-469b-a3be-3fdb36bfd1e/section/fcd2121c-0507-441b-8a01-dc35b8baeec6>. Acesso em: 24 jul. 2021.

GRIMSHAW, M. Towards a manifesto for a critical digital humanities: critiquing the extractive capitalism of digital society. **Palgrave Communications**, [S. l.], v. 4, n. 21, p. 1-8, 2018. DOI: 10.1057/s41599-018-0075-y. Acesso em: 27 jul. 2021.

GUERREIRO, D. M.; BORBINHA, J. L. Humanidades digitais: novos desafios e oportunidades. **Cadernos BAD**, [S. l.], n. 1, p. 63-78, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/65352>. Acesso em: 29 jul. 2021.

HABERMAS, J. **Moral consciousness and communicative action**. Cambridge: MIT Press, 1990.

HABERMAS, J. **The theory of communicative action**: Reason and the rationalization of society. Boston: Beacon Press, 1984. v. 1.

HOCKEY, S. The History of Humanities Computing. *In*: SCHREIBMAN, S.; SIEMENS, R.; UNSWORTH, J. (Ed.) **A Companion to Digital Humanities**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

ILHARCO, F. **Filosofia da Informação**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2003.

KIRSCHENBAUM, M. G. What is digital humanities and what's it doing in english departments? **ADE Bulletin**, [S. l.], n. 150, p. 55-61, 2010. Disponível em: <https://www.ade.mla.org/content/download/7914/225677>. Acesso em: 1 jul. 2021.

LODGE, J. Info-vultures: Automated emancipation or bondage? Facing the ethical challenge. *In*: BESTER, C.; BRITZ, J.; CAPURRO, R.; FISCHER, R. (org.). **Nelson Mandela**: a reader on information ethics. Auckland Park: International Center for Information Ethics, 2021. Disponível em: https://www.i-c-i-e.org/_files/ugd/788aa6_a19c8754f562440c810b1e8dfef50eba.pdf. Acesso em: 22 fev. 2022.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento científico**: pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1993.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2011.

NOVAK, J. D. **Learning, creating, and using knowledge**: Concept maps as facilitative tools in schools and corporations. Nova Iorque: Routledge, 1998.

OLIVEIRA, L. F. R.; MARTINS, D. L. O Estado da Arte em Pesquisas sobre Humanidades Digitais no Brasil. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, v. 10, n. 1, p. 9-20, jan./jun. 2017. DOI: 10.18468/pracs.2017v10n1.p09-20. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/2635/felipev10n1.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2021.

ORTEGA, N. R. Five central concepts to think of Digital Humanities as a new digital humanism project. **Artnodes**, [S. l.], n. 22, p. 1-6, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.7238/a.v0i22.3263>. Acesso em: 27 jul. 2021.

REICHERT, R. Digital Humanities. **Infotheca**, [S. l.], v. 15, n. 2, Apr. 2015. Disponível em: http://infoteka.bg.ac.rs/pdf/Eng/2014-2/Eng2014-2INFOTHECA_XV_2_april_22-34.pdf. Acesso em: 27 jul. 2021.

ROWLANDS, M. Towards a Post-Humanist Theory of Value. *In: The Environmental Crisis*. Londres: Palgrave Macmillan, 2000. p. 139-160.

SAVOLAINEN, R. **Everyday information practices**: a social phenomenological perspective. Plymouth: Scarecrow, 2008.

SVENSSON, P. Envisioning the digital humanities. **Digital Humanities Quarterly**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2012. Disponível em: <http://www.digitalhumanities.org/dhq/vol/6/1/000112/000112.html>. Acesso em: 04 jul. 2021.

TUOMINEN, K.; TALJA, S.; SAVOLAINEN, R. The social constructionist viewpoint on information practices. *In: FISHER, E.; ERDELEZ S.; MCKECHNIE, L. (Ed.) Theories of information behavior*. Medford: Information Today, 2005. p. 328-333.

WILKINSON, M. D. *et al.* The FAIR Guiding Principles for scientific data management and stewardship. **Scientific data**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 1-9, 2016. DOI: 10.1038/sdata.2016.18. Disponível em: . Acesso em: 27 jul. 2021.

WRIGHT, K. Personal knowledge management: supporting individual knowledge worker performance. **Knowledge management research & practice**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 156-165, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1057/palgrave.kmrp.8500061>. Acesso em: 27 jul. 2021.

YOO, Y.; BOLAND JR., R. J.; LYYTINEN, K.; MAJCHRZAK, A. Organizing for innovation in the digitized world. **Organization science**, [S. l.], v. 23, n. 5, p. 1398-1408, Sep./Oct. 2012. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/23252314>. Acesso em: 27 jul. 2021.

ZUBOFF, S. **In the age of the smart machine: The future of work and power.** Nova Iorque: Basic Books, 1988.

THE DIGITAL HUMANITIES IN THE PERSPECTIVE OF EMANCIPATION

ABSTRACT

Objective: The objective of this article is to verify, together with researchers, the problems and actions related to digital humanities, namely: how can the use of digital humanities contribute to the emancipation of subjects? **Methodology:** To answer this question, we used a qualitative approach through open interviews. We used convenience sampling, in which the researcher selected experts and members of the population most accessible at the time and who are invited to the interview to discuss and answer the question script. The qualitative software MAXQDA2020 was used for the coding and analysis of the interviews. **Results:** Based on dialogues with specialists, it was considered that the digital humanities, seen from the perspective of emancipation, have promising perspectives for individuals and effective contributions to society. According to qualitative analyses, digital humanities, together with the acquired skills, can help to identify fake news, which makes it possible to give subsidies to individuals to make good use of technologies and cyberspace in an empowered way. **Conclusions:** However, to meet these challenges, it is necessary to create policies that encompass the entire digital humanities project, investment in technologies and, above all, in the training of individuals with the necessary skills to use networks and technologies in a critical perspective, integrative and humanistic.

Descriptors: Digital Humanities. Skills and training. Emancipation.

LAS HUMANIDADES DIGITALES EN LA PERSPECTIVA DE LA EMANCIPACIÓN

RESUMEN

Objetivo: El objetivo de este artículo es verificar, junto con investigadores, los problemas y acciones relacionados con las humanidades digitales, a saber: ¿cómo el uso de las humanidades digitales puede contribuir a la emancipación de los sujetos? **Metodología:** Para responder a esta pregunta, utilizamos un enfoque cualitativo a través de entrevistas abiertas. Utilizamos un muestreo por conveniencia, en el que el investigador selecciona a los expertos y miembros de la población más accesibles en ese momento y que son invitados a la entrevista para discutir y responder el guión de preguntas. Para la codificación y análisis de las entrevistas se utilizó el software cualitativo MAXQDA2020. **Resultados:** A partir de diálogos con especialistas, se consideró que las humanidades digitales, vistas desde la perspectiva de la emancipación, tienen perspectivas promisorias para los individuos y aportes efectivos a la sociedad. Según análisis cualitativos, las humanidades digitales, junto con las habilidades adquiridas, pueden ayudar a identificar noticias falsas, lo que permite otorgar subsidios a las personas para que hagan un buen uso de las tecnologías y el ciberespacio de manera empoderada. **Conclusiones:** Sin embargo, para enfrentar estos desafíos es necesario crear políticas que abarquen todo el proyecto de

humanidades digitais, la inversión en tecnologías y, sobre todo, en la formación de personas con las habilidades necesarias para utilizar redes y tecnologías en una perspectiva crítica, integradora y humanista.

Descritores: Humanidades Digitales. Habilidades y entrenamiento. Emancipación.

Recebido em: 29.06.2022

Aceito em: 05.04.2024